



PSICOLOGIA
Sandplay

Renata Whitaker Horschutz

Análise do filme: “Waking Life”

Trabalho realizado por Renata Whitaker Horschutz e publicado nos Cadernos Junguianos No. 2 –2006, Revista Anual da Associação Junguiana do Brasil, São Paulo, Ferrari-Editora e Artes Gráficas LTDA, São Paulo

ANÁLISE DO FILME: “ Waking life ”

(EUA, 2001)

Direção e roteiro de Richard Linklater

Direção de Arte de Bob Sabiston

Este filme é uma bela exploração do reino dos sonhos, onde passamos aproximadamente um terço de nossas vidas.

Trata de um jovem que não consegue acordar de um sonho e passa a encontrar pessoas em seu mundo imaginário, com quem tem longas conversas sobre os vários estados da consciência humana e discussões religiosas, filosóficas, psicológicas, antropológicas, culturais, artísticas, portanto a riqueza do filme permitiria muitas abordagens. Esta é apenas uma breve introdução para aguçar a curiosidade do leitor, visto que cada um desses temas exigiria uma extensa dissertação.

Assistir Waking Life conduz a revisitar vários momentos de nossa vida, e retomar impressões e sentimentos, “acompanhando a maré”, como é dito no filme, ou seja, permitindo ao espectador ser dirigido pelo inconsciente, ainda que de forma consciente.

O filme é um desenho animado, o que favorece a liberdade de expressão para o diretor, e toca nossa criança interior. Através do lúdico, penetra-nos profundamente, trazendo seqüências de imagens que remetem ao universo onírico, revelando a possibilidade de se poder mergulhar tão profundamente nos próprios sonhos até à fusão com os mesmos, o que poderia significar a perda total da consciência, ou mesmo a morte do Eu.

O enredo faz recordar o “Memórias, Sonhos e Reflexões” de Jung, em que conta um sonho seu: “...Diante do altar, no chão, vi, voltado para mim, um iogue, na posição de lótus, profundamente recolhido. Olhando-o de mais perto vi que ele tinha o meu rosto; fiquei estupefato e acordei, pensando: ah! Eis aquele que me medita. Ele sonha e esse sonho sou eu. Eu sabia que quando ele despertasse eu não existiria mais”.

Este é um sonho do Si-mesmo para o Eu vivenciar, dando-lhe forma humana na existência tridimensional, para assim obter uma consciência mais ampla e rica, atingindo a realização. A meditação do iogue "projeta" a realidade empírica da vida de Jung.

Na atualidade, um grande número de pessoas identifica-se demais com a consciência, que acredita ser apenas aquilo que conhecem de si próprios. Porém, devemos nos lembrar de que faz igualmente parte de nós um mundo obscuro e enigmático, que desconhecemos. Não conseguimos discernir até que ponto nossas vivências são criações da nossa consciência ou possuem uma realidade própria, como as imagens do inconsciente.

O sonho de Jung faz exatamente esta inversão: o inconsciente ou, mais precisamente o Si-mesmo passa a ser o criador da pessoa empírica e, portanto, o mundo inconsciente passa a ser um mundo real, tornando o mundo consciente uma ilusão, ou "maya", como dizem os orientais. O filme faz a mesma inversão. Quando sonhamos, acreditamos estar experimentando a realidade, o que nos induz a uma reflexão muito interessante: "estamos feitos sonâmbulos quando estamos acordados, ou será que estamos conscientes enquanto sonhamos?". O personagem principal pode estar vivo e sonhando, ou em coma e não consegue acordar, ou ainda morto e, neste caso, a morte seria como um sonho eterno, do qual não haveria despertar.

O filme remete a uma frase de Shakespeare: "Somos feitos da matéria dos sonhos". Segundo a visão shakespeariana, o mundo é um jogo imaginário, ou seja, tudo o que percebemos é imaginação. Vivemos uma contínua fantasia, o que nos permite ter diferentes vivências.

Temos muitas imagens de fantasia que moldam e constroem nossa realidade, nosso olhar e, portanto, o que sentimos, como vivemos e agimos. Sonho ou realidade, não importa: ambos são produtos da psique. Como dizia Jung: "A psique cria realidade todos os dias. A única expressão que posso usar para esta atividade é fantasia". Experimentar a fantasia em todas as realidades é estar na psique e transformar a fantasia em realidade é concretizar a psique. O autoconhecimento, como o filme vai mostrando, ilumina a escuridão e nos revela o quanto

é importante cultivar a vida interior, pois tudo o que precisamos saber está dentro de nós; basta fazer o mergulho.

É extremamente importante tomar consciência dos tipos de imagens internas que controlam nossa vida, conhecer nossos rumos para podermos nos responsabilizar por quem somos e assim nos transformar. Esse é o ponto de partida que poderá permitir a cada indivíduo, quem sabe, assumir seus atos, abrindo não só os próprios horizontes, mas igualmente os de outras pessoas, através de suas relações humanas. Surge então todo um universo em que Eros reina, e a vida passa a ser vivida como uma obra de arte que se expande.

Esta é uma forma de nos reconciliarmos com a vida, pois ao observarmos e cultivarmos as imagens dos sonhos, começamos a compreendê-los e estabelecemos relações com o que antes desconhecíamos. Desse modo surge a criatividade consciente e concreta.

A criação vem da frustração, da imperfeição, do anseio. No processo criativo, precisamos em primeiro lugar, ser fiéis à nossa vocação, que é criar consciência: uma emoção é, inicialmente, traduzida em uma imagem, que depois se transforma em palavras. Assim se produz consciência, assim nos tornamos conscientes.

As imagens levam-nos para dentro de nós mesmos. Porém, para isso precisamos ter devoção e saber honrar o inconsciente. No filme, fica muito claro o quanto somos afetados pelas imagens, que são muito poderosas e se transformam em histórias, em relações humanas, em trocas. Ao narrarmos um sonho, história ou filme, contamos uma experiência de vida já vivida, e a trazemos para o presente. A linguagem surge do desejo de romper o isolamento e estabelecer ligações com outros indivíduos.

O personagem principal do filme faz isso o tempo todo. Isto faz refletir sobre a importância da clínica contemporânea e do indivíduo que anseia por um tempo de convivência, pela chance de uma conversa franca e significativa com alguém, que o leve a perceber o sentido de pertencer a uma comunidade e, portanto, de se apropriar das experiências que tem continuamente. Compartilhar sabedoria, o que nada tem a ver com erudição, e sim com o conhecimento adquirido através das vivências. A sabedoria é uma expressão poética da

memória coletiva, atravessa gerações à medida que as experiências são narradas, compartilhadas, indicando caminhos, direções possíveis, para que o futuro possa acontecer de forma construtiva. Porém, o outro é necessário para que haja compreensão, troca, testemunho e, daí, concretização.

Trata-se aqui de um tempo eterno, o “tempo” do inconsciente, do qual o filme também trata, indo buscar na memória aquilo que é significativo, pois o tempo da sabedoria é o presente, o passado e o futuro. Ela entrelaça as diferentes temporalidades.

No filme, vemos que cada um pode ter a sua perspectiva e todas elas são possíveis e válidas. A profundidade do mergulho é ilimitada, visto que o Si-mesmo é multifacetado e sua sabedoria transmite-se através dos sonhos, que permitem uma visão de trezentos e sessenta graus. A riqueza da vida está em se ter muitas visões do centro, ou seja, irmos fazendo uma “circumambulação” em torno dele. O filme mostra-nos que nossa meta nesta existência tridimensional é refazer o eixo Eu – Si-mesmo, consciente-inconsciente e, para isto, precisamos querer e ter muita paciência, perseverança e labor. Precisamos também saber perdoar, pois muitas vezes, em nossa história pessoal, mitos familiares, cultura e traumas, o eixo Eu –Si-mesmo é, infelizmente, rompido. No entanto, os processos psíquicos são vagarosos e, para que ocorra crescimento, é imprescindível que nos conectemos com o poder das imagens internas.

Há um ditado indiano que diz: “Os sentidos são como os portões de uma cidade: se eles estiverem abertos, a vida entra”. Esta é a experiência do sagrado.

O filme abre-nos para muitas reflexões. A seqüência do enredo, assim como nos sonhos, não é temporal, o que nos faz mergulhar num labirinto de imagens, onde se encontra o laboratório do inconsciente. Assim o personagem principal, através de suas perambulações ou “circumambulações”, atinge um grau elevado de autoconhecimento, encontrando a espiritualidade, a *cognitio Dei*.

A poesia abaixo, de Fernando Pessoa, profundo conhecedor dos misteriosos e obscuros labirintos internos, resume em linguagem poética a multiplicidade da alma humana tão abordada no filme.

*"Vivem em nós inúmeros;
Se penso ou sinto, ignoro
Quem é que pensa ou sente,
Sou somente o lugar
Onde se sente ou pensa.
Tenho mais almas que uma.
Há mais eus do que eu mesmo.
Existo todavia
Indiferente a todos
Faço-os calar: eu falo.
Os impulsos cruzados
Do que sinto ou não sinto
Disputam em quem sou.
Ignoro-os. Nada ditam
A quem me sei; eu escrevo."*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

JUNG, C.G. (1989). Memórias, sonhos e reflexões. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira.

*Autora: **Renata Whitaker Horschutz** - Psicóloga; analista Junguiana; membro da AJB (Associação Junguiana do Brasil); membro do IJUSP (Instituto Junguiano de São Paulo), membro da IAAP (International Association for Analytical Psychology), membro da ISST (International Society for Sandplay Therapy), especialista em atendimento infantil.*